

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

LINO BROCKA — MATEM O ARTISTA NACIONAL

20 e 24 de Outubro de 2026

SA KABILA NG LAHAT / 1991

“APESAR DE TUDO”

um filme de LINO BROCKA

Realização: Lino Brocka *Argumento:* Roy C. Iglesias *Fotografia:* Clodualdo Austria Jr. *Montagem:* George Jarlego *Música:* Jaime Fabregas *Direcção Artística:* Ed Cruz *Interpretação:* com Dina Bonnevie (Maria Robles), Tonton Gutierrez (Mike Serrano), Nanette Medved (Lala Serrano), Ronaldo Valdez (Ventura Velasco, presidente da câmara), Mark Gil, William Lorenzo, Rey Sagum, Joonee Gamboa, Menggie Cobarrubias, Celeste Legaspi, etc.

Produção: Viva Films (Filipinas, 1991) *Produtor:* William C. Leary *Estreia Mundial:* 15 de Maio de 1991 *Cópia:* DCP, cor, legendado em inglês e eletronicamente em português, 120 minutos. *Primeira apresentação na Cinemateca.*

É um remate aventuroso, folhetinesco – fundo político, intriga criminal. A dita última obra do prolífico Lino Brocka, abruptamente desaparecido no início da década de 1990, no exacto ano de SA KABILA NG LAHAT, cruza porventura o pensamento que o próprio cineasta filipino formulava por volta de 1982, quando o seu trabalho começou a circular assiduamente em festivais de cinema, cinematecas ou outras moradas atentas ao cinema contemporâneo: “Quando começo um filme comercial não posso fugir de mim mesmo, é absolutamente necessário que eu diga alguma coisa.” “APESAR DE TUDO”, tradução que se presume literal de SA KABILA NG LAHAT, corre as duas vias do cinema de Brocka comumente visto como construção filmográfica de um caudal de filmes mais e menos pessoais entre os inícios dos anos 1970 e 1990. Entenda-se, no contexto do seu país, filmes que representam a sua posição artística e de cidadania no mundo e decorrentes de projectos que foram alimentando a possibilidade de existência da obra no mesmo passo que esta encontrava a ideia de um imaginário de raiz popular.

A equação *a política e o melodrama*, em que se foram traduzindo tais termos na recepção dos filmes de Lino Brocka, será um lugar-comum e um lugar-comum que colhe fundamento. O próprio não fugia ao argumento dicotómico, falando dos “filmes politicamente relevantes” como “os sérios, aqueles que me metem em sarilhos”, em contraponto aos “melodramas”, e séries televisivas, que lhe consumiam a maior parte do tempo e que o não envergonhavam, pelo contrário, correspondiam a uma escolha que assumia a tradição (termo meu) da fotonovela ou da telenovela (*soap opera*). “Os pontos de contacto entre os dois polos da obra de Brocka são inegáveis” – já em 1982 escrevia M.S. Fonseca – e um filme como “APESAR DE TUDO” trabalha, pois, as duas dimensões, fazendo do retrato político e da crítica social a seiva do drama sentimental. Vê-se o filme e pensa-se nele como um original filipino da família das séries televisivas norte-americanas transmitidas à escala “planetária”, como “Dallas” (1978-1991) ou “Dynasty” (anos 1980), com as suas intrincadas teias de personagens e acções, estereótipos sociais e sexuais, um rodopio novelesco, subtexto capitalista e sensacionalista.

Convém ter em mente que a ferocidade do olhar de Lino Brocka para com a sociedade filipina sob o jugo de Ferdinand Marcos (Presidente das Filipinas entre 1965 e 1986) não se amenizou com a mudança de regime e a subida ao poder de Corazón Aquino (Presidente entre 1986 e 1992). Brocka manteve-se céptico e manteve a agudeza crítica. Na filmografia estabelecida por Khavn (está no “Caderno da Cinemateca” agora publicado), “APESAR DE TUDO”, um dos três títulos de Brocka datados de 1991, é o número sessenta e dois do total de sessenta e quatro títulos. A intriga pulverizada, e os ingredientes de que se tece, olham de frente a corrupção política como “habitat natural” do espaço público, com os decorrentes vícios privados, que só, porventura, a

inocência de espírito e um genuíno sentido de justiça podem “combater” quando dispostos ao sacrifício último. A “moral da história” deste filme não anda longe de tais premissas propondo uma incursão pelos meandros da “baixa política” e do sensacionalismo em época mediática. O presidente, a repórter tornada amante do presidente, a mulher do presidente e a interferência dela (por exemplo num estúdio de televisão em pleno directo), a superfície do escândalo quando o presidente sofre um ataque cardíaco durante um acto sexual não conjugal, a violência e o crime, enformam a vertigem-carrossel do filme. Tudo conflui, ainda assim, para a possibilidade de ideia de decência, encarnada “apesar de tudo” no filme pela personagem do jovem repórter idealista e corajoso.

Maria João Madeira